

# TERRAGRITA DE PAULO CORRÊA

Curadoria de **André Venzon** e **Sabrina Stephanou**

TERRAGRITA de Paulo Corrêa traz, logo de início, evidências e recordações sofridas, sufocadas no correr do último século, que vêm agora, em quase todas as partes do mundo, cobrar seu tempo, pondo em curso o passado e o presente num verdadeiro quadro de revisionismo vivo. Somos convocados a transformar de maneira densa e corajosa conceitos e comportamentos na perspectiva de um desenvolvimento humano global e total, à luz dos protestos recentes que insurgem contra o desgaste emocional de um racismo endêmico, que nem sempre foi velado, e que insiste seguir matando sem se avergonhar.

Paulo nasceu em Pelotas, há 55 anos, no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul. Cidade que no início do século XIX tinha quase metade da população escravizada, o que assegurou o ciclo econômico do charque, possibilitou o surgimento de estancieiros ricos e a construção em 1834, por exemplo, do primeiro teatro brasileiro, o *Sete de Abril*. Portanto, é justo apontar que as fundações culturais desse lugar estão assentadas também sobre a mão e a “alma-de-obra” subjugada.

Negros são sobreviventes de um longo e cruel processo de segregação. Passados mais de cem anos da Abolição, vimos surgir o artista, desde cedo ativista no Movimento Negro. O advento do Dia Nacional da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro e criado em 2003, coincide com o início da carreira de Corrêa. Sendo feriado em cerca de mil cidades em todo o país, não é ainda em nenhum município da unidade da federação onde nasceu o movimento que levou à criação da data.

O papelão é suporte e matéria crítica do artista. Paulo Corrêa não parte da tela em branco, mas de papelões pardos grampeados e pregados diretamente na parede, onde representa a temática social do corpo negro. O papel de que é feita sua obra abandona a estrutura ortogonal do *chassis* de madeira da pintura tradicional para lançar mão de outra ordem construtiva e compositiva. Desse “mosaico” irregular que une imagens na diversidade de formatos, em contraste com uma unidade poética, emerge uma obra que justapõe a assimetria de direitos, vidas humanas distorcidas pela austeridade de um sistema opressor e desigual. Uma realidade que o faz pintar e representar uma história incompleta. Mesmo expondo essa desconformidade, o artista ainda passa despercebido. Essa exposição mais do que clamar por um lugar de identidade, deseja reconhecer seu saber e fazer artísticos.

Atualmente, instituições - cuja parcialidade frente às questões sociais emergentes ainda prejudica a representatividade de pessoas negras – estão tendo oportunidade de refletir de maneira sensível e afirmativa sobre a complexidade do racismo estrutural na sociedade e, especificamente, no sistema das artes. Se a Antropofagia do início do século XX, de *Macunaímas* e *Abaporus*, rompeu o silêncio estético de uma brasilidade moderna, plural e miscigenada, o século XXI principia sob a ameaça de um corpo social e institucional ainda doente, que se insurge contra o mal da desigualdade e da injustiça sociais, resistindo a uma mortal violência que saqueia a alma humana.

Em meio a desafiadoras revoluções, não nos basta a ideia de restituirmos uma “nova normalidade”, pois o que era “normal” já não bastava e, mesmo voltando, não será “nova” no quadro geral de aberrações e hipocrisias. Queremos crer num futuro realmente para todos, que o amanhã, seja ele como for, venha a nos pertencer por inteiro, de fato e de direito. Cremos nesse porvir, que nasce como impressionante realidade, que transcende um momento de dor com a energia e o dinamismo das ruas. Acreditamos em resistências e transformações paradigmáticas; em movimentos contra os processos de exclusão; nas lutas pelo território e pela construção de políticas de inclusão. Somos um povo que permanece dividido pelas cicatrizes da escravidão, e um mundo dividido não poderá jamais garantir o bem comum. Confiemos que ser diverso não nos impede estarmos integrados, respeitando diferenças e fortalecendo intersecções.

O Brasil carece assumir a imagem negra e indígena em seu “álbum de família”. Assumir a ancestralidade que cada vez mais ressurge em nossa arqueologia cultural. Uma nação forte não se constrói pela via de mão única da História. Uma identidade é o resultado de uma tessitura, um mosaico cultural. O povo brasileiro é miscigenado e se nossas instituições insistem em recalcar raízes que são diversas, resgatemos a orientação bíblica do Evangelista Mateus que nos lembra de olharmos “os frutos para reconhecermos a árvore”.

A arte testemunha uma história vivenciada pelo olhar, que interroga o mundo a partir de um egocentrismo controlador e aprisionante. Do discreto *voyeur* ao absolutismo da *selfie*, não deixamos de contemplar a nossa própria representação narcisista em seu sentido de alienação narcótica e egoística. Se vivemos impacientes com a ameaça de um anacrônico conservadorismo, as imagens, sobretudo as artísticas, revigoram o estatuto da liberdade que vai, cada vez mais, nos garantir o direito do livre pensar e expressar; de se mostrar e se deixar ver, acrescido da coragem de encarar a si e se conciliar com o que for visto; dispostos também a aceitar aquilo “que não é espelho”.

As obras do artista Paulo Correa propõe desconstruirmos os espaços convencionais da galeria “moderna”; “Cubo branco” de janelas lacradas, alienada e pretensamente asséptica, a esconder rachaduras e maquiar cicatrizes para (tentar) permanecer anestesiada, isenta de toda e qualquer experiência que não a estética, construtora de lacunas, vazios, lapsos de memórias e vácuos históricos. Que nega à arte o direito de participação na construção da realidade ao despirmos

as obras de sua historicidade, seu contexto social, sua ideologia econômica. Frágil e transitória realidade que nunca foi “neutra”, nem “atemporal” - muito pelo contrário - segue sendo fortemente marcada por interesses e ideologias, equivocada em seus perversos anseios hegemônicos e segregacionistas.

A terra grita, as ruas esbravejam, mas desde o último discurso do Dr. Martin Luther King, há mais de 50 anos, sabíamos que teríamos “dias difíceis pela frente”, porém isso não importava, pois ele mesmo disse haver estado “no topo da montanha” e vislumbrado um sonho possível. Abrir espaços, olhar para nossas instituições culturais e se perguntar onde estão os artistas negros, onde está a diversidade da qual dizemos nos orgulhar, é um primeiro e importante passo. A arte se dá nessa transposição de limites, colocando-se em situações de desafio, promovendo práticas que sejam saudavelmente questionadas. Se dizer sim para a arte é uma libertação, essa exposição anseia reconhecer esse lugar de resistência, existência e representatividade. Trata-se de uma condição indispensável para que a criatividade ganhe força e sentido cultural e social. Nos trabalhos do artista, o negro é afirmado pelo seu aspecto físico e espiritual, de modo não passivo, ou até mesmo agressivo. Corrêa demonstra que é preciso nos libertar da ignorância que aprisiona mentes e corpos, para adquirir uma consciência que complete nossas forças enquanto seres humanos, uma consciência negra, plural e convergente.

Coordenar museus e galerias de arte significa objetivamente educar por meio de exposições. Isto é sem dúvida o que se espera de uma gestão ou curadoria: considerar o público, respeitar o artista, pensar a obra. Considerá-los integralmente, do primeiro ao último dia de visita. Estejamos próximos ou distantes, essa tomada de atitude não se faz apenas sob efeito das oportunas e necessárias reivindicações sociais e políticas do momento. Ela está na raiz das manifestações estéticas, elas de uma cultura que nos une e ecoa longinquamente na humanidade. O mundo que vemos amanhecer ao nosso redor vive um turbilhão do olhar que procura por justiça em meio a esse caos de acontecimentos. Os jovens, assim como os artistas, começam a ver com os seus próprios olhos, e a reedificar profundas e sólidas noções de justiça, respeito e amor. A esse movimento que é de todos e de cada um, o artista Paulo Corrêa e a Ecarta se associam.

**#VIDASNEGRASIMPORTAM!**